

UMA ANÁLISE DA VONTADE DE POTÊNCIA DESDE SUA ONIPRESENÇA NO COSMOS ATÉ A VONTADE DE VERDADE DOS HUMANOS

[An analysis of the will to power from its omnipresence in the cosmos to human's will to truth]

Marcus Túlio Caldas¹

Sérgio Gonçalves Ferreira²

Resumo: Este ensaio almeja refletir sobre a noção nietzschiana da vontade de potência, examinando o conceito sob várias perspectivas a fim de clarear a sua compreensão. Para cumprir esse intento, o conceito em questão será abordado em três aspectos. Em primeiro lugar, a vontade de potência é observada como algo constitutivo do universo. Em seguida, como referente ao âmbito da vida. Por fim, nos debruçaremos sobre a vontade de potência na esfera do homem, o que nos levará a adentrar no conceito de vontade de verdade, uma especificidade desse ente animal. Em suma, será verificado que a vontade de potência atua nas coisas materiais e inanimadas, atua naquilo que têm vida e também na dimensão humana demasiada humana.

Palavras chave: Vontade de potência; vontade de verdade; vida; cosmos.

Abstract: This essay aims to reflect on and from the Nietzschean notion of the will to power, examining the concept from various perspectives in order to clarify its understanding. To fulfill this intention, the will to power will be approached in three aspects, emphasizing that in Nietzsche himself the concept is not presented in a systematized form. In the segmentation presented here, first the will to power is observed as something constitutive of the universe. Then as referring to the scope of earthly life. In the third part, the man is focused, until entering into the concept of the will of truth, a specificity of this animal being. Finally, it will be verified that the will to power acts in material and inanimate things, acts in what has life and also in the human dimension too human.

Keywords: Will to power; will to truth; life; cosmos.

1. Introdução

Inicialmente cabe esclarecer que o conceito de vontade de potência não teve uma aceitação pacífica. Lembre-se que Nietzsche foi um filósofo disruptivo e se dizia um extemporâneo, um homem à frente do seu tempo. Por conseguinte, difícil de ser entendido por

¹ Médico psiquiatra, doutor em psicologia pela Universidade de Deusto (Espanha), professor dos cursos de graduação e pós-graduação em psicologia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

² Doutorando em Psicologia na Universidade Católica de Pernambuco e membro do Grupo de Estudos Nietzsche do Recife (GEN/Recife); sergio@guimaraesferreira.com.br. Este artigo é fruto do desenvolvimento de nossa tese de doutorado, em elaboração no Programa de Pós-graduação de Psicologia da Universidade Católica de Pernambuco, sob orientação do Prof. Dr. Marcus Túlio Caldas, do Departamento de Psicologia da Unicap, e coorientação do Prof. Dr. João Evangelista Tude de Melo Neto, do Departamento de Filosofia, da mesma Universidade. Em nossa pesquisa de doutorado visamos promover um diálogo teórico entre os pensamentos de Nietzsche e Viktor Frankl.

seus contemporâneos. Ele desenvolveu o conceito a partir de 1883, trabalhando no mesmo até pouco antes de sofrer, em janeiro de 1889, o colapso mental que marcou o filósofo até a sua morte, em 1900. Frisa-se que a concepção original de Nietzsche foi distorcida por sua irmã, ao publicar um livro com o título de *Vontade de Potência*, em 1901, como se fosse um texto elaborado pelo filósofo. Ela teve facilidade em realizar essa empreitada, uma vez que cuidou do irmão nos últimos anos da sua vida, no período em que este estava em estado de demência. A falsidade da autoria, assim como alterações que ela promoveu nas anotações póstumas do filósofo, só foram descobertas em pesquisas realizadas na década de 1950, pelos filólogos Giorgio Colli eazzino Montinari. Ou seja, durante cinquenta anos e justamente num período importantíssimo da história, que viu duas grandes guerras mundiais e a ascensão de terríveis ideologias, como o nazismo e o stalinismo, um pensamento filosófico que tem muito a contribuir para o entendimento da humanidade esteve distorcido e até chegou a ser incorretamente apropriado por impostores.

Sobre a segmentação da vontade de potência ora apresentada, até onde se pôde pesquisar, observou-se que apenas o comentador da filosofia de Nietzsche, Wolfgang Müller-Lauter, (Müller-Lauter, 1997), parece sugerir as três dimensões destacadas neste artigo. Nesse sentido, o referido estudo é usado como apoio em nosso trabalho. Todavia, é necessário fazer a ressalva que esse autor não chega a promover claramente a separação aqui proposta.

Por fim, é necessário esclarecer que o nosso trabalho possui um duplo caráter, uma vez que temos o objetivo de esclarecer a noção nietzschiana da vontade de potência e a partir disso refletir, de maneira ensaística, sobre algumas implicações desta noção.

2. A vontade de potência enquanto caráter constitutivo do cosmos³

Desde o final do século XV que a ciência do mundo ocidental, contrariando a cristandade, desvelou que a Terra não é o centro do Universo. Entretanto, a imagem do ser humano continua a ser a principal figura metafórica para compreensão do cosmo. Assim, esse ente permanece vendo os outros numa perspectiva antropomórfica e, no minúsculo astro que habita, entendendo-se como estando no ápice da evolução dos seres vivos.

Nietzsche, contudo, vai numa direção contrária, uma vez que defende que tudo é vontade de potência e o ser humano, de forma semelhante, é também apenas um fragmento dessa vontade: “*Esse mundo é a vontade de potência – e nada além disso!*” E também vós

³ Este tópico da explanação sobre a vontade de potência foi inspirado nas ideias expostas por Marton (1990).

próprios sois essa vontade de potência – e nada além disso! [NF, 1885, 38(12); tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho]”. Como tudo mais, o homem é parte de um conjunto de inúmeras forças em disputa, no espaço e por espaço. Isso porque o cosmos seria apenas um complexo de ondas, forças e energias formando um conjunto agônico e coeso. Tudo estaria lutando entre si para existir, sendo isso, em síntese, a própria vontade de potência. Para o filósofo, o que se designa como átomos e almas, por exemplo, são apenas manifestações da vontade de potência, não existindo individualmente uma entidade mínima ou original, seja uma partícula, energia ou, seja o que for. No universo, existem apenas forças querendo prevalecer como vontade de potência. Há, portanto, uma tensão provocando ação e atuando contra outras energias, que também são vontade de se expandir, seja no nível microscópico, seja no telescópico. Além ou aquém de qualquer lugar, não existe um substrato mínimo ou máximo para as coisas. Existe simplesmente um movimento de forças atuando em várias dimensões e sendo essas forças atingidas nessas dimensões por outras, sem que se saiba qual será o resultado dessa interação, mas apenas que essa confrontação ocorre eternamente e ao acaso. Não se sabe de onde veem nem para onde vão. São energias, ondas e impulsos cósmicos interagindo no espaço, em todas as dimensões e temporalidades, numa dinâmica de movimentação imprevisível. Enfim, o cosmo é luta de vontades de potência atuando antagonicamente sobre outras vontades de potência. Aqui é oportuno citar Nietzsche, quando tratou do elo entre a vontade, a causalidade e o acontecer mecânico:

A questão é, afinal, se reconhecemos a vontade realmente como *atuante*, se acreditamos na causalidade da vontade: assim ocorrendo – e no fundo a crença nisso é justamente a nossa crença na causalidade mesma –, *temos* então que fazer a tentativa de hipoteticamente ver a causalidade da vontade como a única. ‘Vontade’, é claro, só pode atuar sobre ‘vontade’ – e não sobre ‘matéria’ (sobre ‘nervos’, por exemplo –): em suma, é preciso arriscar a hipótese de que em toda parte onde se reconhecem ‘efeitos’, vontade atua sobre vontade – e de que todo acontecer mecânico, na medida em que nele age uma força, é justamente força de vontade, efeito da vontade (JGB/BM 36).

O que percebemos das coisas com os sentidos, o que nos afeta, é apenas uma parte da vontade de potência. De fato, nosso mundo visível é resultado de energias que se movimentam e fazem movimentar, expansão e contração em todos os sentidos possíveis e imagináveis. Nietzsche condensou bem o seu conceito atuando nessa dimensão cósmica, quando falou sobre o mundo num fragmento póstumo de 1885:⁴

⁴ A título de curiosidade, observa-se que Nietzsche elaborou o conceito de Vontade de Potência cerca de 20 anos antes de Einstein desenvolver a Teoria da Relatividade, publicada em 1905. A partir dessa Teoria, revolucionária

E sabeis sequer o que é para mim “o mundo”? Devo mostrá-lo a vós em meu espelho? Este mundo: uma monstruosidade de força, sem início, sem fim, [...] cercada de “nada” como de seu limite, nada de evanescente, de desperdiçado, nada de infinitamente extenso, mas com força determinada posta em determinado espaço, e não em um espaço que em alguma parte estivesse “vazio”, mas antes como força por toda parte, como jogo forças e ondas de forças ao mesmo tempo um e múltiplo, aqui acumulando-se e ao mesmo tempo ali mingando, um mar de forças tempestuando e ondulando em si próprias, eternamente mudando, eternamente recorrentes, com descomunais anos de retorno [NF, 1885, 38(12); tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho].

Nesse universo de forças, da mesma forma que o ser humano altera a face da Terra, nosso planeta é alterado pela vontade de potência que vem no choque de outras energias e astros, pois existe potência se movimentando no seu interior e exterior. Nota-se que essas vontades – por exemplo, nos vulcões, terremotos e tornados –, parece que são mais potentes do que as nossas ações, querendo destruir o que construímos, porém, são apenas vontade de potência em luta, onde um é derrotado e o outro prossegue, num movimento que jamais cessa. Merece ser ressaltado que a vontade de potência para Nietzsche não é teleológica, não se dirige a uma meta: apenas e simplesmente – atua; apenas e simplesmente – se exerce.

E, nesse contexto, faz-se necessário sentir os fenômenos com a maior amplitude possível, sem querer amarrar causas a efeitos, até que se tenha uma genuína segurança e honestidade numa possível relação determinística: “Não admitir várias espécies de causalidade enquanto não se leva ao limite extremo (até ao absurdo, diria mesmo) a tentativa de se contentar com uma só: eis uma moral do método, à qual ninguém se pode subtrair hoje; – ela se dá ‘por definição’, como diria um matemático (JGB/BM 36)”.

3. A vontade de potência no âmbito orgânico

O fenômeno vida é um dos campos onde a vontade de potência atua. De antemão um registro: aqui a vontade de potência não é, simplesmente, o querer reproduzir ou alimentar-se; além disso é sempre a vontade de mais potência. São forças que levam os entes a lutar por

na física, houve grande avanço na pesquisa sobre o cosmo. Ademais, deve ser ressaltado que Nietzsche escreveu um raciocínio filosófico, que também trabalha com forças e energias, mas, não uma tese científica. Registra-se que a ciência no século passado, entre os grandes avanços que experimentou, identificou quatro tipos de forças fundamentais no universo, que ainda não tem suas formas de ação plenamente esclarecidas – força gravitacional; força eletromagnética; força nuclear forte; força nuclear fraca. Nesse campo do conhecimento muito se avançou, mas as dúvidas permanecem, como algo inerente a esse campo da ciência. Por exemplo, na cosmologia contemporânea, há especulação do retorno ao Big Bang, ou seja, sobre o suposto início da história do universo. Também continua em aberto a discussão sobre como ocorre o choque entre as radiações eletromagnéticas das estrelas e as energias e matéria escura, bem como ainda não se tem certeza sobre como ocorre a força de atração dos buracos negros existentes no cosmos. Ademais, no âmbito dos átomos, entre outras questões, permanecem misteriosas as relações de força entre matéria e antimatéria. (GLEISER, 2014).

domínio, por procurar não ser vencido e vencer neste Planeta. Diz Nietzsche que “A luta pela existência é apenas uma *exceção*, uma temporária restrição da vontade de vida; a luta grande e pequena gira sempre em torno da preponderância, de crescimento e expansão, de poder, conforme a vontade de poder [potência], que é justamente vontade de vida. (FW/GC 349)”. O filósofo escreve acima que a luta pela existência é apenas uma *exceção*, no sentido de entender a vida como intrinsecamente abundante na Terra, explicitando: “um investigador da natureza deveria sair de seu reduto humano: e na natureza não *predomina* a indigência, mas a abundância, o desperdício, chegando mesmo ao absurdo (FW/GC 349)”.

De toda sorte, a vontade de potência na natureza faz surgir a vida, a partir de uma inseminação que foi motivada também por esta própria vontade, verificada no fato dos indivíduos tenderem a querer dar continuidade a seu desejo por mais potência por meio da perpetuação de suas espécies. Todavia, em algumas espécies animais, depois de realizada a vontade de potência no ato sexual, o indivíduo simplesmente morre, cumprindo a vontade de potência de expansão e preservação da espécie: “Querer preservar a si mesmo é expressão de um estado indigente, de uma limitação do verdadeiro instinto fundamental da vida, que tende a expansão do poder e, assim querendo, muitas vezes questiona e sacrifica a autoconservação” (FW/GC 349).

202

Na botânica, a vontade de potência nos faz perceber a flora, tanto nas úmidas florestas, como nos lugares mais áridos e com seus minúsculos seres; vida presente na terra, no céu e no mar. Em *Assim falava Zaratustra* está escrito “Apenas onde há vida há também vontade: mas não vontade de vida, e sim – eis o que te ensino – vontade de poder [potência]! / Muitas coisas são mais estimadas pelo vivente do que a vida mesma, mas no próprio estimar fala – vontade de poder [potência]! – (Za/ZA II, “Da superação de si mesmo”)”.

Germinada a vida brota e, depois do nascimento, a vontade de potência continua a fazer os seres vivos terem necessidade e forças para conseguirem alimentos e se manterem vivos. Essa vontade é lutar pela expansão da vida, é a vontade que faz os animais se movimentarem. Por exemplo, um carnívoro matar o outro, os herbívoros comerem as sementes ou outras partes das plantas, destruindo-as para se autopreservar, lutar por mais potência e procriar, mantendo o ciclo da existência. É a vontade de potência que faz as plantas subirem contra a gravidade, do solo retirarem os seus nutrientes, receberem a potência do sol e realizarem a fotossíntese. Diz Nietzsche: “Os fisiólogos deveriam refletir, antes de estabelecer o impulso de autoconservação como o impulso cardinal de um ser orgânico. Uma

criatura viva quer antes de tudo *dar vazão* a sua força – a própria vida é vontade de poder [potência]–: a autoconservação é apenas uma das indiretas, mais frequentes consequências *disso*.” (JGB/BM 13).

Um exemplo: na luta dos vírus e das bactérias por potência e sobrevivência e, assim, tendendo a destruir os humanos e outros seres vivos, é também a vontade de potência que se mostra, fazendo os vírus e as bactérias habitarem em outros seres para continuar as suas lutas por mais vida.

Observa-se que é inerente à vontade de potência o choque permanente entre organismos, entre as partes dos organismos e entre espécies de organismos diferentes, tudo isso procurando vencer enquanto espécies, grupos e partes de espécies, todos focados em si e buscando vitória para poder continuar a existir e exercer sua potência. Desse modo, dentro dos próprios seres vivos a vontade de potência atua, numa disputa entre as partes do organismo pela alimentação, pela sobrevivência última, até chegar à falência múltipla dos órgãos. É essa vontade de potência que faz os animais respirarem, desde a primeira inspiração ao nascer, até a última expiração, pois a morte de um ser, servindo de alimento a outro ou reintegrando-se materialmente ao solo da Terra, é simplesmente a vontade de potência no ciclo da vida. Finalizando essas linhas sobre a vontade de potência na natureza, leia-se o próprio Nietzsche:

Supondo que se pudesse reconduzir todas as funções orgânicas a essa vontade de poder [potência], e nela se encontrasse também a solução para o problema da geração e nutrição – é um só problema –, então se obteria o direito de definir *toda* força atuante, inequivocamente, como *vontade de poder [potência]*. O mundo visto de dentro, o mundo definido e designado conforme o seu ‘caráter inteligível’ – seria justamente ‘vontade de poder [potência]’, e nada mais. – (JGB/BM 36).

4. A vontade de potência nos humanos

Tudo o que se falou acima sobre a vontade de potência na natureza se aplica aos humanos, apenas com um aspecto a mais – nós temos a vontade de potência também na inteligência e na consciência que existimos no mundo. De antemão, no caso do animal humano, outro registro: a inteligência não é, simplesmente, razão e consciência. Além disso, é o inconsciente, o irracional e tudo o que se passa no crânio humano, com essas forças em choque e disputando espaço na mente com as ações realizadas racionalmente pelos homens.

Vale observar que ficar parando ou ir contra o próprio ente, autodestruir-se, são também formas de ação. Portanto, Nietzsche fala de uma “primazia fundamental das forças espontâneas, agressivas, expansivas, criadoras de novas formas, interpretações e direções, forças cuja ação necessariamente precede a ‘adaptação’”⁵ (GM/GM,II,12).

Quando agrupados, observa-se da mesma forma a ação dos homens na disputa por mais espaço, com lutas e guerras por melhores condições de sobrevivência e ganho de maior potência. Inicialmente, a vontade nos humanos volta-se para a alimentação e, depois, por conquistas de potência mais elaboradas e “espiritualizadas”. Nós vivemos, como qualquer outro animal, numa busca eterna por sobrevivência e propagação da espécie. Isso faz a luta prosseguir e o ser, caminhando com a inteligência, criar instrumentos para lhe auxiliar no atendimento das necessidades vitais. Quanto a alimentação básica, isso ocorreu e ocorre com vasilhames, talheres, arcos, flechas, enxadas, silos, tratores, refrigeração, herbicidas etc. Entretanto, não é só o alimento que desperta a ação inteligente nesse ser vivo. Por exemplo, como os outros animais, ele precisa abrigar-se das intempéries naturais e do ataque das outras feras. Também não nasce já revestido da couraça necessária para a sua proteção, nem com a possibilidade fisiológica de internamente armazenar uma maior quantidade de energia corporal, que lhe permita atravessar um período relativamente grande de tempo. Então, é a inteligência o instrumento que possibilita a esse ser desenvolver os equipamentos para enfrentar as disputas da vida, num meio natural onde disputa espaço com os outros entes. É a vontade de potência que move o ser humano para lutar contra as adversidades e cuidar de si e da sua espécie, bem como destruir, consciente ou inconscientemente, pensando no imediato em se manter vivo e conquistar potência, tudo em razão dessa vontade. Nesse contexto leia-se Nietzsche:

[...] Onde e de que modo, até hoje, a planta ‘homem’ cresceu mais vigorosamente às alturas, acreditamos que isso sempre ocorreu nas condições opostas, que para isso a periculosidade da sua situação tinha de crescer até o extremo, sua força de invenção e dissimulação (seu ‘espírito’) tinha de converter-se, sob prolongada pressão e coerção, em algo fino e temerário, sua vontade de vida tinha de ser exacerbada até se tornar absoluta vontade de poder [potência] – acreditamos que dureza, violência, escravidão, perigo nas ruas e no coração, ocultamento, estoicismo, arte da tentação e diabolismo de toda espécie, tudo o que há de mau, terrível, tirânico, tudo o

⁵ Nietzsche se opôs ao modelo evolucionista de Darwin, pois julgou a ideia de adaptação e evolução determinística, ao contrário da vontade de potência, que implica apenas oportunidades, possibilidades, ganhos e perdas. Com efeito, pode-se inferir que o evolucionismo tem raízes metafísicas, ao supor que as espécies vivas estão se desenvolvendo para atingir um ideal de adaptação à terra.

que há de animal de rapina e de serpente no homem serve tão bem à elevação da espécie ‘homem’ quanto o seu contrário – (JGB/BM 44).

Para pontuar o que é esse *contrário* registrado por Nietzsche acima, veja-se ele falando da importância dos pensadores, que também trata com *os avessos*, pessoas que abrem os olhos e a consciência da humanidade para as grandes questões: “Na medida em que somos os amigos natos, jurados e ciumentos da *solidão*, de nossa mais profunda, mais solar e mais noturna solidão – tal espécie de homens somos nós, nós, espíritos livres! E também *vocês* seriam algo assim, vocês que surgem? Vocês, *novos* filósofos?” (JGB/BM 44).

Alinhado com a citação de Nietzsche na seção 44 de *Além do bem e do mal*, deve-se observar que todos os seres vivos se separam em espécies, agrupados e adaptados a determinadas condições climáticas. Assim sendo, as concentrações humanas na face da Terra também são diferenciadas. Essa diferenciação faz a vontade de potência apresentar-se com formas e intensidades conseqüentemente diversas entre os humanos, que vão procurando a adaptação aos espaços que habitam.

Ilustrando com um fato relativamente recente, as tribos nas Américas e na África viviam apenas em lutas entre si, até a chegada dos ocidentais, com uma vontade de potência que conseguiu sobrepujá-las. Essa vontade não veio só em busca de alimentos, chegou lutando por mais poder – estados com poder querendo mais poder –, seguindo humanamente a natureza eterna e a cultura europeia da época. Na visão de Nietzsche, isso se daria porque: “A ‘exploração’ não é própria de uma sociedade corrompida, ou imperfeita e primitiva: faz parte da *essência* do que vive, como função orgânica básica, é uma consequência da própria vontade de poder [potência], que é precisamente vontade de vida. (BM, 259)”. Dessa forma, vê-se na nossa espécie, na disputa que lhe é inerente, a formação diferenciada de conjuntos de indivíduos, como comunidades e povos, bem como o desenvolvimento diferenciado de vontade de potência no âmbito de pequenos conjuntos, como casais, famílias, organizações e indivíduos isolados, todos constituídos como vontade de potência, mas em diferentes formas e escalas. Para Nietzsche, essa movimentação é intrínseca à vontade de potência, aqui observada na evolução do ser humano na natureza:

Digamos, sem meias palavras, de que modo *começou* na Terra toda sociedade superior! Homens de uma natureza ainda natural, bárbaros em toda terrível acepção da palavra, homens de rapina, ainda possuidores de energias de vontade e ânsias de poder [potência] intactas, arremeteram sobre raças mais fracas, mais polidas, mais pacíficas, raças comerciantes ou pastoras, talvez, ou sobre culturas antigas e murchas, nas quais a derradeira vitalidade ainda brilhava em reluzentes artifícios de espírito e corrupção. A

casta nobre sempre foi, no início, a casta de bárbaros: sua preponderância não estava primariamente na força física, mas na psíquica – eram os homens *mais inteiros* (o que em qualquer nível significa também ‘as bestas mais inteiras’ –). (...)”. (JGB/BM 257).

O pensamento acima exposto por Nietzsche, sobre a potência dos mais fortes vencendo os fracos, sempre estará em curso na face da Terra, nessa nossa existência, que para ele é a única que há. Realmente, o filósofo não concebe outros mundos nem um tempo infinito e linear, mas apenas um tempo cíclico, o que ensejou mais um conceito nietzschiano: o *eterno retorno do mesmo*⁶.

5. A vontade de verdade, o deus metafísico e a ciência moderna

O autor de *Assim falava Zaratustra* observou que a civilização ocidental, com suas raízes judaico-grego-romana-cristã, tem verdadeira ânsia pela questão da verdade. Por isso, vive em busca de algo supremo, perfeito, infalível, totalmente puro, plenamente assertivo. Enfim, vive procurando constituintes ideais, essenciais, originais e últimos. Para os ocidentais esse algo teria um poder absoluto e conduziria todos os fenômenos conforme uma lógica inquestionável. Não apenas isso, os membros dessa civilização acreditam na possibilidade dos seres humanos acessarem a verdade e encontrar a essência dos fenômenos presentes no universo.

206

No contexto do parágrafo anterior, a vontade de verdade, outro conceito nietzschiano, nada mais é do que a fé em deus, caso se olhe na perspectiva do conhecimento religioso, ou, a partir da ótica dos cientistas, a fé no método científico. Em outros termos, para os crentes a verdade existiria além deste mundo e, para os cientistas, a verdade está no próprio universo – apenas os seres humanos ainda não a encontraram ou estão encontrando-a aos poucos. Dessa forma, juntando crentes com cientistas, está a fé num futuro – quando e onde não se sabe –, mas tendo a certeza que a verdade será um dia conhecida. Nietzsche foi um crítico ferrenho desta forma de pensar da civilização ocidental.

“Vontade de verdade” – poderia ser uma oculta vontade de morte. [...] Não há dúvida, o veraz, no ousado e derradeiro sentido que a fé na ciência pressupõe, *afirma um outro mundo* que não o da vida, da natureza e da história; e, na medida em que afirma esse “outro mundo” – não precisa então negar a sua contrapartida, este mundo, *nosso mundo?* ... Mas já terão compreendido aonde quero chegar, isto é, que a nossa fé na ciência repousa

⁶ Quem desejar aprofundar-se nessa temática pode acessar a tese de doutorado do Prof. Dr. João Evangelista Tude de Melo Neto. *Nietzsche: o eterno retorno do mesmo, a transvaloração dos valores e a noção de trágico*. (São Paulo: O autor, 2013. Tese de doutorado defendida no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo).

ainda numa crença *metafísica* – que também nós, que hoje buscamos o conhecimento, nós, ateus e antimetafísicos, ainda tiramos nossa flama daquele fogo que uma fé milenar acendeu, aquela crença cristã, que era também de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina... (FW/GC 344)

Observa-se, tendo em mente a ânsia pela tal verdade, que a educação ocidental tem se orientado para descobri-la. Esse fenômeno permeia a nossa filosofia desde Platão, cerca de 500 a.C. e segue avançando. Foi assumido pelo cristianismo e afirmou-se também com o advento do pensamento científico que pode ter a sua criação demarcada em torno do movimento do Renascimento, surgido por volta do século XV. Assim, contando até os dias atuais, são mais de 2.500 anos de vontade de verdade. Ainda hoje, parte dos cientistas e dos filósofos estão à procura de exatidões, que acreditam um dia vão encontrar no infinito e na eternidade.⁷

Com efeito, a força da vontade de verdade influenciou a forma de fazer ciência que se deixou contaminar pelo modo de pensar da filosofia e da religião ocidentais. Esse fato ocorre, principalmente, nas ciências naturais e com as pesquisas quantitativas. Porém não só – também são abundantes estudos realizados nas humanas e sociais, usando a matemática e a lógica para encontrar possíveis essências. Ou seja, verdades que existiriam e, quiçá, a precisão da linguagem dos números vai ajudar a descobrir e conseguirá descrevê-las com modelos algébricos, algum dia.

De outra forma Nietzsche acreditava, uma vez que defendia que a ciência também não chegará à verdade essencial, pois esta simplesmente não existe. Para ele o que existe é apenas vontade de potência. Nesse sentido, vale ler o próprio filósofo, generalizando uma crítica a Herbert Spencer:

O mesmo se dá com a crença que hoje em dia satisfaz tantos cientistas naturais materialistas, a crença num mundo que deve ter sua equivalência e medida no pensamento humano, em humanos conceitos de valor, um “mundo da verdade”, a que pudéssemos definitivamente aceder com a ajuda de nossa pequena e quadrada razão – como? queremos de fato permitir que a existência nos seja de tal forma degradada a mero exercício de contador e ocupação doméstica de matemáticos? Acima de tudo, não devemos querer despojá-las de seu caráter *polissêmico*: é o bom gosto que o requer, meus senhores, o gosto da reverência ante tudo o que vai além do seu horizonte! Que a única interpretação justificável do mundo seja aquela em que *vocês*

⁷ Nota-se que cientistas, tanto crentes como ateus, permanecem criando modelos cada vez mais sofisticados, contemporaneamente com o auxílio de equações de alta complexidade e atuando em mais de quatro dimensões, em supercomputadores, onde estão sendo idealizados *perfeitos* mundos virtuais, na esperança de assemelhar-se a um deus.

são justificados, na qual se pode pesquisar e continuar trabalhando cientificamente no *seu* sentido (– querem dizer, realmente, de modo mecanicista?) uma tal que admite contar, calcular, pesar, ver, pegar e não mais que isso, é uma crueza e uma ingenuidade, dado que não seja doença mental, idiotismo. (FW/GC, 373)

Resumindo, para Nietzsche a vontade de verdade denota uma falha na forma de pensar e agir intrínseca à civilização ocidental, pois segundo ele não existiria tal verdade absoluta. De outra sorte, existiriam várias formas de percepção e perspectivas diferentes sobre o mundo, onde forças estão em contínuo movimento, eternamente se alterando, porque a luta entre elas não se acaba e estão sempre a gerar novas forças e verdades mutantes.⁸ Em outras palavras, o que existe é apenas vontade de potência e o acaso. Nessa linha de raciocínio, a vontade de verdade nada mais é que uma expressão da vontade de potência no âmbito humano, notadamente nos ocidentais, que voltaram o foco das forças presentes nas suas consciência e inteligência para buscar ansiosamente essas tais exatidões, querendo encontrá-las a todo custo.

Sobre esses pensamentos do filósofo envolvendo vontades, é interessante registrar que é no contexto da vontade de verdade que o conceito de vontade de potência aparece nos textos de Nietzsche. Com efeito, na sequência mostra-se isto, no trecho de *Assim falou Zaratustra*, no qual a vontade de potência é citada pela primeira vez por Nietzsche, na parte segunda do livro, no tópico denominado *Da superação de si mesmo*:

“Chamais ‘vontade de verdade’, ó mais sábios entre todos, aquilo que vos impele e inflama? / Vontade de tornar pensável tudo o que existe: assim chamo *eu* à vossa vontade! / Tudo o que existe quereis primeiramente fazer pensável: pois duvidais, com justa desconfiança, de que já seja pensável. / (...) / Esta é toda a verdade, ó mais sábios entre todos, uma vontade de poder; e também quando falais de bem e mal e das valorações (Za/ZA II, “Da superação de si mesmo”).”

Nietzsche deixa claro neste trecho que a vontade de verdade é apenas uma expressão de uma vontade mais abrangente, a saber, a vontade de potência. Ademais, note-se que a questão da verdade está presente em apenas um ente da natureza, que realmente se acha o maior. Porém, este ente é diminuto ante a grandiosidade cósmica. Recorde-se que no

⁸ Nietzsche inspirou comentadores da sua obra, como os filósofos Max Scheler (1874 – 1928) e Martin Heidegger (1889 - 1976), que também não aceitaram essa busca por uma verdade ideal e essencial, registrando-se que são pensadores que criaram escolas de pensar que estão crescendo em todo mundo. Focando a ciência, de maneira particular a física, atualmente existem no ocidente correntes que não acreditam num horizonte atingível ou numa verdade absoluta a ser encontrada – seja na astronomia ou na física subatômica –, como cita o cientista brasileiro Marcelo Glaiser (2014).

pensamento nietzschiano a vontade de potência é o conceito maior, completo e presente em tudo no universo.

Ainda sobre querer a exatidão, de fato não se pode menosprezar essa vontade no desenvolvimento da ciência, com suas pesquisas e testes. Isto deu ao homem, por exemplo, condições de expandir a sua própria vontade de potência com a criação de tecnologias, destacando-se a objetividade da técnica como uma ampliação da força humana, capacitando-a para vencer lutas com o restante da natureza. Todavia, em qualquer situação, permanece a máxima de Nietzsche: “E também tu, homem do conhecimento, és apenas uma senda e uma pegada de minha vontade: em verdade, minha vontade de poder caminha também com os pés de tua vontade de verdade (Za/ZA II, “Da superação de si mesmo”)”.

O que quis Zaratustra dizer com a frase acima dá asas ao pensamento, todavia, uma interpretação pode ser que a força da vontade de potência da natureza é maior que a força da vontade de verdade. Então: cuidado homens do conhecimento! Vocês podem não ter consciência, mas tem responsabilidade.

É importante observar que Nietzsche possui uma refinada “*espiritualidade*”, que nem precisa de uma lente sensível para ser encontrada, espantosamente, no que ele classifica como ateísmo: “Em toda a parte onde o espírito esteja em ação, com força e rigor, sem falseamentos, ele dispensa por completo o ideal – a expressão popular para essa abstinência é ‘ateísmo’ –: *excetuada a sua vontade de verdade*””. (GM/GM,III,27). De fato, percebe-se que o filósofo foi um homem “espiritual”, que atacou as religiões, principalmente a religião cristã, no que ela tem de formalismo e padronização metódica, no afastamento das coisas terrenas e na idealização de outra vida, que essa religião proclama como plena. Para Nietzsche, isso afasta o homem do verdadeiro deus, da “*espiritualidade*” encontrada nele mesmo e no indizível, no nada. Foi o deus das religiões que o filósofo disse que morreu. Assim, proclamou o seu projeto do *além do homem*: “O super-homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: o super-homem *seja* o sentido da terra! Eu vos imploro, irmãos, *permanecendo fiéis à terra* e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterras! São envenenadores, saibam eles ou não. (Za/ZA I, “Prólogo de Zaratustra”)”.

Para entender o projeto nietzschiano do além-do-homem é importante considerar que para o filósofo uma espiritualidade pessoal, buscando o sentido da vida, não precisa das religiões tradicionais, pois é uma questão da própria consciência. Esse homem que Nietzsche

projeta não precisaria de sacerdotes ditando o comportamento e cerceando a liberdade. É um homem livre para relacionar-se com a natureza, com os seus semelhantes e cuidar do seu destino.

6. Conclusão

Em resumo, a vontade de potência é força e energia, condensada ou expandida, sempre em movimento e buscando mais potência, atuando na dimensão das coisas materiais e inanimadas, assim como na dimensão de todas as coisas que têm vida. Nessa dimensão viva, como particularizou-se acima, naturalmente a vontade está presente nos humanos, seja nas relações desses seres consigo mesmo, seja com os seus semelhantes, bem como com os outros animais e com os entes vegetais. Em suma, para Nietzsche a vontade de potência, simplesmente, é tudo.

De outra sorte e indo no rumo que o filósofo extemporâneo nos provocou, observa-se que ele abriu a janela para mostrar a diferença entre o conceito filosófico de vontade de potência e o entendimento religioso de deus.

Nesse sentido, arrematando, registra-se que na vontade de potência não há espaço para transcendência, para o além, ou seja, é pura imanência e efetividade – é aqui e agora. No máximo, no caso dos humanos, é também idealização e ações planejadas ou inconscientes. Ademais, a vontade de potência tem formação antagônica – forças se chocando e em luta. De outra forma, o conceito teológico de deus é metafísico, em sintonia com a vontade de verdade e, como tal, eterno, perfeito e, por isso, abarcando apenas o que é percebido metafisicamente como o bem e as coisas boas.

Já Nietzsche, com o seu Zarathustra, legou-nos um outro entendimento, que vale repetir: “Esta é toda a verdade, ó mais sábios entre todos, uma vontade de vontade de poder [potência]; e também quando falais de bem e mal e das valorações. (Za/ZA II, “Da superação de si mesmo”)

Esta concepção de Nietzsche não implica dizer que inexista espaço para a confiança, esperança e amor, enfim, para a força da ética ou, mesmo, para procurar um entendimento espiritual com essa força. Apenas diz que ela concorre com outras forças. Cabe apenas aos homens, na sua imanência, oferecer a vitória à ética. Onde buscará energia para tanto? Isso envolve valores humanos e requer mais análises.

Referências

GLEISER, Marcelo. *A ilha do conhecimento: os limites da ciência e a busca por sentido*. - 2ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2014.

MARTON, Scarlett. *Das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

_____. (ed. responsável) *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2016. – (Sendas e Veredas).

MELO NETO, João Evangelista Tude de. *Nietzsche: o eterno retorno do mesmo, a transvaloração dos valores e a noção de trágico*. São Paulo: O autor, 2013. Tese de doutorado defendida no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. São Paulo: Annablume editora-comunicação, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal - prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Obras incompletas* [tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho]. São Paulo: Editora 34, 2014.